

# FAZENDO ESCOLA COM IMAGENS

## A escola representada no discurso do MEC: que escola é essa?

*Ligia Karam Corrêa de Magalhães*

Distante das escolas presentes em nossos bairros, em nossas cidades, em diferentes Estados, esta imagem é a representação recorrente de escola que encontramos no *site* do MEC. Em suas várias páginas, quer informando e divulgando leis, programas, parcerias, ações, e ainda veiculando programas de capacitação, treinamento e atualização através da modalidade de EAD, o que o MEC apresenta são salas de aula que dispõem de aparatos tecnológicos sofisticados. Nestes laboratórios de informática ou das várias disciplinas que compõem o currículo: química, física e naqueles cuja proposta é a de “incorporar efetivamente a prática e a reflexão científicas na vida escolar e social de adolescentes, jovens e adultos” , o discurso atribui lugar de destaque às tecnologias, creditando-lhes o sucesso e a qualidade da aprendizagem dos alunos.



Nessa escola imaginada/fantasiada/propalada, os alunos prescindem do professor e da interlocução no ensino-aprendizagem, no processo da sua formação, ante as possibilidades oferecidas pelos aparatos tecnológicos. O que está em jogo nas imagens é a concepção mesma de educação que vem sendo divulgada **para** e **no** ensino. A aprendizagem é administrada pelos professores a alunos que, por seu turno, aprendem individualmente a partir de interesses próprios. Ou seja, o trabalho docente é descaracterizado,

reduzido à função de gerenciar a aprendizagem. Essas são as propostas contidas nas formulações MEC: verticalizadas, em pacotes que chegam prontos às escolas, formatando o ensino conforme interesses mercadológicos.



Nesta outra imagem, um grupo de alunos trabalha nos mesmos moldes do que estamos acostumados a ver em um escritório ou, ainda, em um serviço de telemarketing. Há a comodificação da educação como se fossem esperados produtos ou resultados, nos moldes de uma prestadora de serviços. O que deveria se constituir em trabalho coletivo, próprio do processo ensino-aprendizagem escolar, na qual as trocas são enriquecedoras tanto no quesito de novos saberes quanto nas relações sociais que se estabelecem na escola, parece não ter importância. O que parece importar é a conversa individual com a máquina, na perspectiva da concepção educacional ideologicamente propagada pelo MEC. Ou seja, a construção do MEC não favorece o trabalho coletivo, mas o direcionamento dos professores e a ação isolada dos alunos.

Em contraposição a esta “escola imaginada”, temos a escola real, presente entre nós, em que os recursos tecnológicos encontram-se: pouco acessíveis; com modos de acesso que impedem trajetórias plurais, autônomas; encerrados em salas com grades e cadeados exigindo uma verdadeira maratona dos professores que deles querem fazer uso; indisponíveis também pelas dificuldades de manuseio e pelo seu endeusamento.

Evidentemente, a incorporação das tecnologias representa adição importante ao trabalho desenvolvido nas escolas, desde que não lhe subtraia a dimensão coletiva, como nas imagens acima, capturadas do *site* do MEC.

**sobre o(a) autor(a):**

*Doutoranda do ProPEd-UERJ, bolsista da FAPERJ.*

*Membro do grupo de pesquisa "Educação e Comunicação".*